

# Comunicação

## A atuação de Barroso como chefe de Estado-Maior em Passo da Pátria

*Palestra proferida durante o seminário comemorativo ao bicentenário do Almirante Barroso, em 17 e 18 de agosto de 2004, no auditório do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.*

---

**Comandante Mônica Hartz Oliveira Moitrel**

*Graduada em História, com especialização em História Militar Brasileira pela UNI-Rio, atualmente exerce a chefia do Departamento de História Marítima e Naval do Serviço de Documentação da Marinha. É sócia titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).*

---

## A atuação de Barroso como Chefe de Estado-Maior em Passo da Pátria

*As origens dos Estados-Maiores se perdem nas brumas da história e no empirismo das guerras primitivas.*

**General-de-Exército Fernando Belfort Bethlem**

Difícil é precisar o local e a época do aparecimento do Estado-Maior. Ao longo da história de diversos povos, sua existência se manifesta claramente, sendo na historiografia militar o seu berço creditado ao Exército prussiano, se expandindo, posteriormente, como órgão anômalo, nos grandes exércitos europeus. Tinha como responsabilidade auxiliar o comandante-em-chefe em todos os serviços e operações diárias que exigiam previsão, precisão e execução. Era constituído por oficiais, com funções específicas, aos quais competia estudar e dar parecer sobre assuntos relativos à organização e ao preparo e manutenção das forças em estado de eficiência. Essa estrutura cruzou o Oceano Atlântico e foi incorporada ao nosso Exército e Marinha.

Em nossas buscas nos arquivos do Serviço de Documentação da Marinha e do Arquivo Nacional, não foi possível encontrar documento anterior à Guerra da Tríplice Aliança que estabelecesse as funções tanto do Estado-Maior como a de seu chefe. O documento mais próximo encontrado data de 9 de fevereiro de 1867, portanto já com a guerra em evolução, e, por conseguinte, dez meses após Passo da Pátria.

Ao Chefe de Estado-Maior cabia, entre outras funções, coadjuvar o Comandante-em-Chefe na execução das providências essenciais ao bom êxito do serviço ou comissão que lhe havia sido confiada; na sua ausência, suprir e representá-lo nos casos urgentes; exercitar imediata autoridade e direta fiscalização sobre o pessoal do Estado-Maior, das divisões e navios; sendo o primeiro fiscal da fazenda na Esquadra e o responsável pela disciplina, ordem e polícia.

O Almirante Francisco Manoel Barroso da Silva assumiu a função de Chefe de Estado-Maior do Comandante-em-Chefe das Forças Navais em Operações no Rio da Prata

em abril de 1865. Já havia exercido similar função na Divisão Naval do Rio da Prata por ocasião da Guerra contra Oribe e Rosas. Experiência não lhe faltava para exercer com brilhantismo a missão a ele confiada.

A Marinha Imperial viveu três momentos decisivos na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai: Riachuelo, Passo da Pátria e Passagem de Humaitá.

A Tomada do Passo da Pátria, ocorrida em 16 de abril de 1866, marcou o início da segunda fase do conflito – a invasão do território paraguaio –, constituindo-se ainda na primeira operação anfíbia realizada por uma Força Naval brasileira, como relatado pela historiografia nacional.

Coube à Marinha a missão de transportar as tropas aliadas até à margem direita do Rio Paraná, próximo à confluência com o Rio Paraguai, desembarcando em território paraguaio cerca de 40 mil homens, incluindo cavalaria e artilharia, além de munição e suprimentos. A Operação se constituiu num importante marco do esforço conjunto das duas forças singulares, Marinha e Exército, podendo neste sentido, ser considerada marco na doutrina operacional.

A vitória alcançada em Riachuelo já havia assegurado às Forças Aliadas a liberdade do uso das vias fluviais, neutralizando o Poder Naval do ditador paraguaio Solano López, encerrando desta feita a fase ofensiva da guerra desencadeada pelo inimigo. Seus exércitos foram compelidos ao retraimento, à procura de posições defensivas. Jataí, Uruguaiana e Corrientes passaram a constituir territórios sob domínio aliado, propiciando a invasão do terreno paraguaio.

Em dezembro de 1865, os Exércitos Aliados encontravam-se reunidos a leste de

Corrientes e ao sul de Três Bocas. Nessa ocasião, o Conselho de Generais tomou a decisão de investir sobre o território inimigo. Fora acordado que a invasão se processaria com a travessia do Rio Paraná pelas tropas aliadas, transportadas por navios da Marinha, até à sua margem direita. Restara apenas a fixação de local apropriado para o desembarque, a ser definido após o reconhecimento daquele rio por navios de nossa Esquadra.

Era necessário elaborar plano que atendes-se tanto às necessidades da Marinha como às do Exército, e, com essa premissa, os Estados-Maiores das forças entram em atividade analisando o problema, os fatores condicionantes, as possibilidades e opções, e finalmente, as diversas linhas de ação e suas variáveis.

Nas palavras de Tasso Fragoso:

*“Cabia-lhes agora prepararem-se para a invasão e depois efetuá-la. Era inevitável que perdessem algum tempo na primeira parte deste trabalho, pois que, como sempre, havia mister improvisar in loco, e não era problema insignificante transpor, de uma margem para outra de rios caudalosos como o Paraná e o Paraguai, uma massa de 40.000 homens, e movê-la depois em terreno de que não havia cartas topográficas e, pode-se afinal dizer, completamente desconhecido.”*

Necessário foi montar base de operações em Corrientes, com local para construção de barcas que operariam em apoio ao transporte das tropas, de unidade de saúde (hospital) e acampamento para os militares.

Paralelo a essas atividades, era necessário proceder constante patrulhamento da área visto os consecutivos ataques das chatas paraguaias e do fogo do Forte Itapiru às nossas bases e meios navais.

Para tanto, desde janeiro de 1866 iniciou-se a movimentação das tropas e navios para Corrientes.

Desde outubro de 1865, encontrava-se o Almirante Barroso com sua Divisão Naval, em Corrientes, e já havia iniciado a exploração do Rio Paraná na altura de Três Bocas.

Disponha ele sob seu comando de dez navios brasileiros e um pequeno vapor ar-

gentino, sendo que desse total só contava com seis unidades:

QUADRO 1

NAVIO	SITUAÇÃO
Fragata <i>Amazonas</i>	não podia passar de Corrientes
<i>Belmonte</i>	encontrava-se com fundo arruinado e caldeiras em mau estado
<i>Beberibe</i> <i>Magé</i> <i>Ipiranga</i> <i>Mearim</i>	OPERATIVOS
<i>Ivaí</i>	velha e estragada sem condição de sustentar um combate
<i>Araguari</i> <i>Itajaí</i>	OPERATIVOS
<i>Iguaré</i>	pequeno vapor utilizado para o transporte de víveres

Pouco pôde fazer, em face do reduzido número de meios. Era-lhe impossível dominar as 60 léguas de um rio repleto de ilhas e bancos em o recurso de carta hidrográfica ou de auxílio de práticos; não podia também arriscar sem proveito os meios que seriam necessários para o desembarque dos Exércitos Aliados. Por estes motivos, não avançou no reconhecimento do Rio Paraná nem fez frente aos vários *raids* dos paraguaios nas margens dos aliados. Não obstante, a presença dos navios de nossa Esquadra manobrando na área de Três Bocas exerceu o efeito de presença das Forças Aliadas na confluência dos Rios Paraná e Paraguai, dissuadindo qualquer tentativa do inimigo em descer as águas do rio.

A 8 de fevereiro de 1866, o Almirante Tamandaré partiu de Buenos Aires para Corrientes, com a Canhoneira *Parnaíba* e o Vapor *Onze de Junho*, chegando ao seu destino no dia 21.

A 25 de fevereiro de 1866, reuniram-se, no quartel-general de Bartholomeu Mitre, os chefes militares Venâncio Flores, Marechal-de-Campo Manuel Luís Osório e Almirante Tamandaré, sendo decidido que o futuro Patrono da Marinha do Brasil assumiria o comando das operações a serem realizadas.

Nesta ocasião, era preciso estabelecer uma definição fundamental, encontrar um local de desembarque, que seria a solução de compromisso para um problema até então iné-

dito, pois, além de assegurar o sucesso da operação como um todo, deveria atender aos requisitos operacionais de ambas as Forças.

A 20 de março, o restante da Esquadra atinge a confluência do Paraná e Paraguai, interceptando todas as comunicações do inimigo entre os dois rios, e fazendo cessar as incursões que, até então, vinham sendo realizadas pelos vapores remanescentes da Esquadra de López. A Esquadra contava então com quatro encouraçados, uma fragata, 15 canhoneiras, três avisos, 12 transportes e um patacho. Acrescentem-se mais sete vapores fretados, utilizados para o abastecimento das Forças Aliadas e que Tamandaré, prudentemente, reteve para auxiliarem no transporte do Exército.

Para o reconhecimento do Rio Paraná, foi constituído, em 21 de março, um grupo-tarefa composto pelo Encouraçado *Tamandaré* e pelas Canhoneiras *Araguari* e *Henrique Martins*, que iniciaram exploração dos Passos do Alto do Paraná até Itati. Nesse grupo estava embarcada a comissão de hidrógrafos (Primeiros-Tenentes Arthur Silveira da Mota, Antonio Luís Von Hoonholtz e Cunha Couto) incumbida de proceder ao levantamento, sondagem e delimitação de canais de acesso ao rio. Outras comissões de sondagem se seguiram.

A necessidade de se realizar tantas operações de reconhecimento deve-se ao fato de que um dos aspectos mais importantes no planejamento de uma operação de desembarque com oposição, como era a situação que se desenhava, é a escolha do local do desembarque, sendo no planejamento de uma operação desta natureza que se evidencia, em toda a sua complexidade e plenitude, a necessidade da perfeita coordenação entre as forças envolvidas.

Nas palavras do Comandante Diogo Borges Fortes:

*“uma praia ótima para a Esquadra pode ser de nenhum valor para a penetração das forças terrestres; reciprocamente, a praia de características ideais para a progressão do Exército pode ser inabordável pela Marinha.”*

Devido à ação do inimigo, que hostilizava

continuamente as forças aliadas com fogos oriundos do Forte Itapiru, que dominava a posição, como também com chatas artilhadas, as operações de reconhecimento demandavam a necessidade de cobertura por navios da Armada. Sensíveis danos foram causados aos nossos navios e vidas preciosas ceifadas, como a de Mariz e Barros, então comandante do Encouraçado *Tamandaré*, que a 27 de março, sob vivo fogo do forte, é alvejado por bala paraguaia que, batendo na cortina de correntes que protegia a portinhola da casamata, estilhaçou atingindo 34 homens, entre oficiais e praças. Esse período ficou assinalado na História Naval Brasileira com o nome de Guerra das Chatas.

Em conseqüência dos numerosos reconhecimento realizados, alguns dirigidos, em pessoa, por Mitre e Tamandaré, ficou demonstrada a inconveniência de proceder o desembarque à margem direita do Paraná, sendo acordado que o ponto ideal para executá-lo seria o proposto pelo comandante da Canhoneira *Ipiranga*, Primeiro-Tenente Francisco José de Freitas, qual seja, na margem esquerda do Rio Paraguai, em uma barranca abaixo de Atajo, próximo de sua embocadura.

Finalmente fora o local escolhido para o desembarque. O papel da Esquadra naquele cenário compreendia três tarefas distintas: transportar os Exércitos Aliados para o território inimigo; proteger o desembarque e a progressão das tropas no terreno; e varrer com seus canhões as áreas próximas.

A contínua movimentação dos navios nos trabalhos de reconhecimento ora na direção de Itati, ora nas vizinhanças de Itapiru e Ilha de Santana, da mesma forma que a ocupação da Ilha da Redenção, depois Cabrita, por forças do nosso Exército, convenceram López que o assalto aliado ocorreria na margem direita do Rio Paraná, posicionando assim suas forças para aquela direção, deixando praticamente desguarnecida as margens do Rio Paraguai, o que possibilitou o elemento surpresa da operação.

Nas palavras do Comandante-em-Chefe

da Força Naval, Almirante Tamandaré, em sua parte oficial ao Ministro da Marinha:

*“O plano combinado para o desembarque do Exército no território inimigo produziu o melhor resultado que se podia esperar.*

*O ponto escolhido para a operação na embocadura do Rio Paraguai e as posições tomadas pela Esquadra não permitiram ao inimigo tirar partido das vantagens que lhe pertenciam pelo conhecimento do terreno, e pela presença do grosso do seu exército, impossibilitado de mover-se do seu acampamento permanente do Passo da Pátria.”*

### Constituição dos grupos de ataque:

#### Grupo de Cobertura

##### 1ª Divisão:

Grupo de Cobertura – com a missão de “pairar na altura das Três Bocas para apoiar, quer a 2ª quer a 3ª Divisão Naval”.  
- Encouraçados *Brasil* e *Bahia*  
- Canhoneiras *Parnaíba*, *Mearim*, *Ipiranga* (capitânia), *Greenhalgh* e *Araguari*

##### 2ª Divisão:

Grupo de Demonstração – com a missão de “investir entre a Ilha Sant’Ana e campo entrincheirado do Passo da Pátria, para bombardear as fortificações deste ponto”.  
- Encouraçado *Barroso*  
- Corveta *Belmonte*  
- Canhoneiras *Itajaí* e *Henrique Martins*

##### 3ª Divisão:

Grupo de Apoio de Fogo – com a missão de “escortar o comboio e bombardear a costa do Paraguai logo ao norte de Três Bocas”.  
- Corvetas *Magé* e *Beberibe*  
- Canhoneiras *Ivaí* e *Iguatemi*

#### Grupo de Transporte da 1ª Expedição

Vapores *Izabel*, *Presidente*, *Marcílio Dias*, *Duque de Saxe*, *Riachuelo*, *Galgo*, *Whiteinch*, *Wiper*, *Susan Berne*, *Berenice*, *Voluntário da Pátria* e *Ozorio*, muitas chatas, pontões e canoas à reboque.’

Ao romper do dia 16 de abril, as 1ª e 2ª Divisões ocuparam suas posições e iniciaram o bombardeio, coadjuvadas pelas baterias da Ilha do Cabrita.

A ordem de movimento da Esquadra é assim relatada pelo Almirante Tamandaré:

*“A 2ª Divisão, com o Encouraçado Barroso, a Belmonte, a Itajaí e o Henrique Martins, que devia ter ocupado uma posição conveniente para bombardear o acampamento inimigo, conservou-se no dia 16 pouco acima da Ilha da Bateria [Cabrita], em conseqüência de haver encalhado o primeiro destes navios [Encouraçado Barroso].*

*A 3ª Divisão com os vapores Magé, Beberibe, Ivaí, e Iguatemi ficou formada em linha no Rio Paraguai no lugar do desembarque.*

*A 1ª Divisão com o Brasil, Bahia, Parnaíba, Mearim, Ipiranga, Greenhalgh e Araguari formou uma linha desde o Forte de Itapiru até as Três Bocas.”*

Às 8h30, do dia 16 de abril, os transportes suspenderam ferro, protegidos pelo grupo de apoio de fogo. Enquanto as 1ª e 2ª Divisões da Esquadra bombardeavam a margem direita do Paraná, muito especialmente as vizinhanças do Forte de Itapiru, de modo a atrair a atenção do inimigo para aquele setor, os transportes avançaram como se intentassem lançar em suas margens a tropa de desembarque; ao chegarem, porém, a meio canal, guinaram águas abaixo e, uma vez ganha a embocadura do Paraguai, por ele subiram, protegidos pela 3ª Divisão, indo a meia légua acima de sua embocadura, onde começaram a desembarcar as tropas. Por volta das 9 horas, balsas atracaram à terra e pontes de canoas ligaram-nas aos navios. O desembarque da força anfíbia era iniciado sob o comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra Torres e Alvim.

Prossegue o Almirante Tamandaré em sua Parte Oficial:

*“Em conseqüência de forte temporal, que sobreveio à 1 hora da tarde, só desembarcou no dia 16 a 1ª expedição brasileira, composta de duas divisões de infantaria, cujos primeiros passos no território inimigo foram dirigidos por seu general-em-chefe, o Exm<sup>o</sup>. Sr. Marechal de Campo Manuel Luiz Osório.*

*“Duas vezes forças inimigas tentaram atacar esta expedição, nos dias 16 e 17, mas foram repelidas, deixando mais de 400 mortos no campo, duas peças de artilharia, uma bandeira, muito armamento de mão e 14 prisioneiros em nosso poder.*

*“No dia 17, logo que começou o bombardeamento pela Esquadra, foi abandonado o Forte de Itapiru.*

*“Os vapores Henrique Martins e Greenhalgh, que tiveram ordem para sondar o canal entre a ponta de Itapiru e a Ilha de Santana, tiveram de sustentar durante duas horas vivo fogo de fuzilaria e artilharia com uma força paraguaia oculta em ranchos e fossos na enseada do forte, conseguindo fazerem cessar o fogo do inimigo. ...*

*“Durante o dia 17 continuaram a passar as infantarias brasileiras e argentinas, e a 2ª Divisão da Esquadra começou a bombardear o acampamento inimigo [Passo da Pátria].*

*“No dia 18 avançou o Exército até o arroio que flanqueava a direita do acampamento inimigo.*

*“A Esquadra também avançou até a mesma altura.*

*“No dia 23 o inimigo, convencido de que não podia sustentar-se no Passo da Pátria sem sofrer as conseqüências do bombardeamento da Esquadra, abandonou seu acampamento, entregando-o às chamas.*

*“No dia 25 foi o campo abandonado pelo inimigo ocupado pelo nosso Exército...”*

Como se denota da elaboração, em caráter inédito, de um planejamento extremamente complexo, e de toda a coordenação que foi necessária em sua execução, dedutível de sua breve descrição, a operação militar efetuada em Passo da Pátria, constituiu-se num evento

de grande magnitude, pela sua projeção real até os dias de hoje, e do qual podemos, ainda, absorver alguns ensinamentos, visto que foi uma das poucas vezes em que Marinha e Exército operaram de forma combinada, executando uma operação anfíbia, uma situação de conflito real.

A permanência do Almirante Tamandaré em Buenos Aires até a segunda metade do mês de fevereiro colocou o Chefe Barroso como seu representante à frente da Força Naval em Corrientes.

É aí que se faz presente a atuação do Almirante Barroso, Chefe do Estado-Maior do Almirante Tamandaré. A ele coube a missão de substituir o Comandante das Forças Navais e iniciar todo o processo de provimento para a operação a ser implementada, além de manter nossas embarcações ali estacionadas em constante prontidão devido aos incansáveis ataques do inimigo.

Ao estudarmos toda operação ocorrida em Passo da Pátria, a correta posição em formatura dos navios, as perfeitas manobras executadas, e o correto desembarque, fica explícita a coordenação e o controle da ação empreendida, resultado – sem dúvida alguma – do estudo efetuado pelos Estados-Maiors da Forças Aliadas.

O correto procedimento e estudo que irão embasar a decisão depende da metodologia adotada e da coordenação entre as partes. Figura de extrema importância que vai, sem dúvida, dar o norte de todo o estudo é a do Chefe de Estado-Maior, sendo ele, portanto, o grande artífice de toda uma operação.

O Almirante Francisco Manoel Barroso da Silva, exerceu com brilhantismo suas funções, contribuindo para o sucesso da missão destinada às Forças Aliadas.